

- KLEMPERER, Viktor. *Ich will Zeugnis ablegen bis zum letzten. Tagebücher 1933-1945*. Ed. Walter Novojski with Hadwig Klemperer, Berlin, Aufbau-Verlag, vol. 2: *Tagebücher 1942-1945*, <sup>2</sup>1996.
- KLEMPERER, Viktor. *Und so ist alles schwankend. Tagebücher Juni bis Dezember 1945*. Ed. Günther Jäckel with Hadwig Klemperer, Berlin, Aufbau-Verlag 1996.
- KLEMPERER, Viktor. *LTI. Notizbuch eines Philologen*. Leipzig, Reclam Verlag<sup>1</sup> 1996.
- KLEMPERER, Viktor. *Das Tagebuch 1933-1945. Eine Auswahl für junge Leser*. Bearbeitet von Harald Roth. Mit Anregungen für den Unterricht. Berlin, Aufbau Taschenbuch Verlag 1997.
- KLEMPERER, Viktor. *Curriculum Vitae*. E. Walter Novojski, 2 vols, Berlin, Rütten & Loening 1989.
- KRAUS, Karl. *Die dritte Wälpurgisnacht*. Ed. Heinrich Fischer. Munich, Kösel-Verlag 1967.
- MISCH, Georg. *Geschichte der Autobiographie*. 4 Bde. <sup>1</sup>1949-1967.
- RANKE, Leopold. [Preface to] *Geschichte der romanischen und germanischen Völker von 1494-1514*. In: *Sämtliche Werke*, vol. 33. Leipzig <sup>2</sup>1874.
- SEEBÄ, Hinrich C. "Cultural Poetics: Academic Emigration and Intercultural Criticism – On Jewish Critics in Exile." Paper given at a conference on "German Literature/Jewish Critics", Brandeis University, September/19, 1997.
- STERN, Fritz. "The Worst Was Yet to Come." In: *New York Times Book Review*, February 23/1997, 12-14.
- STERNBERGER, Dolf, Gerhard STORZ, W.E. SÜSKIND. *Aus dem Wörterbuch des Unmenschen*. Hamburg, Claassen. <sup>2</sup>1957, <sup>3</sup>1968.
- "ur". "Rankes Grab." In: *Frankfurter Allgemeine Zeitung*/136 (June 16, 1997)/27.
- WEINRICH, Harald. *Linguistik der Lüge*. Heidelberg, Lambert und Schneider 1966.
- WINCKLER, Lutz. *Studie zur gesellschaftlichen Funktion faschistischer Sprache*, Frankfurt a. M., Suhrkamp 1970.

## Etnografia e Etnopoesia Estudos sobre a *Casa das Minas*\*

Sergio Ferretti\*\*

**Abstract:** This paper, written by an anthropologist, describes his fieldwork experience in the Afro-Brazilian temple *Casa das Minas*, São Luis do Maranhão, in 1981-1982, done with the German writer Hubert Fichte. Although correcting some statements in Fichte's book on the same subject and criticizing his indiscretion towards several of his informants, the article emphasizes the learning process with the German "ethnopoet": his skillful interview technique, the priority given to subjects of general interest, the importance of card files, the sought for beauty in the statements... As to the methodological differences between ethnography and ethnopoetry, the latter is free from the conventions of anthropological work, being able to concentrate on the beauty of the text and to conceive ethnography as a literary form. On the other hand, the advantages of ethnography, especially in Malinowski's tradition, are in the commitment with true facts and the precision of details. – See also, in this number of *Pandemonium Germanicum*, Willi Bolle's complementary article on "Ethnopoetry and Ethnography".

**Keywords:** Anthropology; Ethnography; Ethnopoetics; Afro-Brazilian religions; Hubert Fichte.

**Zusammenfassung:** Dies ist der Erfahrungsbericht eines brasilianischen Anthropologen über seine Feldforschung in Zusammenarbeit mit dem deutschen Schriftsteller Hubert Fichte in der *Casa das Minas*, in São Luis do Maranhão, 1981-1982. Wenngleich einige Fehlinformationen Fichtes berichtigt sowie seine Indiskretion gegenüber Informanten kritisiert werden, stellt dieser Aufsatz die mit dem deutschen

\* Palestra proferida no Curso de Letras Modernas, Área de Alemão da USP, em 29/09/2000, a convite do professor Willi Bolle.

\*\* Sergio Ferretti é antropólogo e professor da UFMA.

'Ethnopoeten' gemachten Lernerfahrungen in den Vordergrund: seine Kunst des Interviews, die Priorität von Gegenständen allgemeinen Interesses, die Wichtigkeit der Karteikarten-Datei, die Suche nach Schönheit in den Aussagen... Was die methodologischen Unterschiede betrifft, so erweist sich die Ethnopoese als frei von den Konventionen anthropologischer Feldforschung und kann sich damit auf die ästhetischen Qualitäten des Textes, auf die literarische Form konzentrieren. Andererseits liegen die Vorzüge der Ethnographie, besonders in der Tradition Malinowskis, in der Verpflichtung gegenüber der Wahrheit der Fakten und der Präzision der Details. – Siehe auch, in dieser Nummer von *Pandaemonium Germanicum*, Willi Bolles komplementären Aufsatz über "Ethnopoese und Ethnographie".

**Stichwörter:** Anthropologie; Ethnographie; Ethnopoese; Afro-brasilianische Religionen; Hubert Fichte.

**Palavras-chave:** Antropologia; Etnografia; Etnopoesia; Religiões afro-brasileiras; Hubert Fichte.

## 1. Introdução

O escritor alemão Hubert FICHTE nasceu em 1935 e faleceu em 1986, pouco antes de completar 51 anos. Meio judeu, bastardo e bissexual, foi internado durante a guerra num orfanato que descreveu no livro *O Orfanato*. Fez estudos de agronomia e de teatro e a partir de 1965 tornou-se escritor conhecido. Viajou por diversos países começando pela França, Portugal e Suécia e dominou quase todos os idiomas ocidentais. Produziu uma série de programas de rádio e realizou entrevistas com personalidades internacionais importantes, como líderes políticos, escritores e artistas. Fez diversas viagens por países da África e das Américas, tendo conhecido o Brasil, onde esteve durante longos meses em 1968, 1971 e 1981/82. Interessou-se pelo estudo das religiões afro-americanas, de plantas medicinais, de etnomedicina e pelo tratamento de doenças mentais. Revelou à etnografia a quebra de consciência pelo uso de ervas em rituais iniciáticos de cultos afro-americanos.

Viveu até a morte com a fotógrafa Leonore Mau, que conheceu em 1950, sua companheira de viagens e com quem publicou alguns livros ilustrados sobre religiões afro-americanas. Leonore publicou obras póstumas de Fichte. Visitou o Maranhão durante sete meses em 1981/82, realizando pesquisas na *Casa das Minas*. A obra de Fichte retrata e reflete sua história de vida e a marginalidade das religiões afro-americanas e da homossexualidade. Às vezes irreverente e malicioso, Fichte desnuda pessoas, algumas muito conhecidas em certos meios. Com isso ganhou fama de escritor

maldito ou sensacionalista e recebeu prêmios literários importantes. Tem quatro livros traduzidos em português, dos cerca de vinte que publicou.

## 2. Sergio Ferretti e Hubert Fichte

Trabalhei com Hubert Fichte nos sete meses que ele esteve no Maranhão. Eu havia me transferido do Rio de Janeiro para o Maranhão em 1969 e desde 1973 conhecia e freqüentava a *Casa das Minas*. Meu primeiro contato com as religiões afro-brasileiras se deu no Curso de Graduação em História na atual UFRJ, na disciplina Etnologia, com a professora Marina Vasconcelos, ex-assistente de Arthur Ramos. Fiz pós-graduação em Sociologia na Universidade Católica de Louvain na Bélgica, tendo cursado com o professor Maurice Chaumont, a disciplina Contatos de Civilizações. A tese de Roger BASTIDE, *As Religiões Africanas no Brasil*, tinha sido publicada há pouco e a maior parte daquela disciplina foi sobre este livro, que li na biblioteca da universidade. Em 1971 este livro de Bastide foi traduzido no Brasil e o adquiri em 1972, com a intenção de realizar pesquisa sobre cultura popular e religiões afro-maranhenses. Tomei conhecimento do que Bastide escreveu sobre a área religiosa do Maranhão e me interessei em conhecer a *Casa das Minas*. Em 1973 fui trabalhar no Museu Histórico do Maranhão, então em organização, e em sua biblioteca encontrei o livro de Nunes PEREIRA sobre a *Casa das Minas*, publicado por Arthur Ramos em 1947. Passei a procurar outros trabalhos sobre o assunto. Não foi fácil localizar o livro de Octávio DA COSTA EDUARDO, publicado nos Estados Unidos em 1947. Em 1973 comecei a manter contatos regulares com a *Casa das Minas*.

Desde 1970 lecionava Antropologia na UFMA, mas não tinha feito ainda Curso de Mestrado. Em 1977, trabalhando na Fundação Cultural do Maranhão, coordenei um projeto de pesquisa sobre a dança do *Tambor de Crioula*. Na época tinha interesse em realizar pesquisa sobre o *Tambor de Mina* e a *Casa das Minas*, mas fui aconselhado a dirigir a pesquisa para o *Tambor de Crioula*, e a coletar material para a futura organização de um museu de folclore, depois criado em 1982. Em meados da década de 1970, uma pesquisa sobre *Tambor de Mina* não era considerada importante pela Fundação Cultural do Maranhão. Em 1979/80 fui participar de um Curso de Mestrado em Antropologia na UFRN e voltei ao Maranhão a fim de coletar material para a dissertação. Meu projeto incluía um estudo comparativo entre a *Casa das Minas* e um terreiro mais novo, a *Casa Fanti-Ashanti*. Em fevereiro de 1981 dei início a pesquisa nas duas casas. Com o tempo desisti de estudar as duas e concentrei-me na *Casa das Minas*. Mais tarde minha esposa, Mundicarmo Ferretti, fez curso de doutorado em Antropologia na USP, pesquisou e redigiu tese sobre a

*Casa Fanti-Ashanti*, publicada em 1993. Em julho de 1981, após viagem de férias pelo Nordeste, voltando à *Casa das Minas* soube da chegada em São Luís de Hubert Fichte e sua companheira Leonore Mau, que então não conhecia.

Fichte se apresentou como especialista em plantas medicinais e amigo de Nunes PEREIRA, que encontrara em Manaus, numa viagem iniciada em Roraima. Estava de passagem para a Bahia e Nunes lhe recomendara visitar a *Casa das Minas*. Já havia estado na África e no Caribe várias vezes e publicado livros sobre religiões africanas nas Américas, com fotos de Leonore Mau, que mostrou na ocasião. Fichte trouxe presentes para cada uma das senhoras que conheceu na Casa e para dona Celeste, então minha principal informante, deu uma pulseira africana de cobre. Sugeriu que ela deveria começar a estudar uma língua estrangeira para fazer uma viagem a África. Dona Celeste o chamava de “o professor alemão”. Leonore Mau era uma fotógrafa demasiado discreta e chegava a passar até 4 horas ou mais, assistindo a entrevistas com informante, sem dizer uma palavra.

Eles estavam hospedados no Vila Rica, hotel cinco estrelas no centro da cidade. Trocamos números de telefone e depois combinamos trocar alguns livros. Disse-me que dava aulas na Alemanha sobre culturas africanas e afro-americanas, era especialista em plantas medicinais e que iria ficar pouco tempo em São Luís. Foi convidado a ficar mais uns dias e assistir à próxima festa da Casa, que seria realizada na semana seguinte em homenagem ao vodum de dona Celeste e depois disso continuaria para Salvador. Na primeira conversa em que participei com ele e pessoas do terreiro, Fichte perguntou sobre a Casa, sobre comidas de santo e tabus alimentares e deu notícias de outras casas similares que havia conhecido na Amazônia, no Caribe e no Golfo do Benin. Pedeu para ir comigo conversar com dona Celeste na casa dela, com o que de início relutei um pouco mas concordei.

Fichte dizia achar que o culto da *Casa das Minas* vinha principalmente de *Tado no Togo*, onde se cultua *Acoosi-Sakpatá*, e achava que essa cultura tinha relações com a do antigo Egito. Insistiu para que dona Celeste fosse à África e se prontificou a colaborar com informações que dispusesse. Celeste perguntou se Fichte não teria sido mandado pelos voduns para ajudá-la nesse projeto. Fichte dizia que precisava conhecer os nomes de todos os voduns e os nomes africanos que elas conheciam para poder ajudar em alguma coisa. Pedeu que dona Celeste nos levasse à casa de dona Deni. Depois se prontificou, enquanto estivesse em São Luís, a dar aulas de francês toda semana com vistas a ida delas para a África. Também combinamos ir juntos conversar com dona Deni uma tarde por semana. Combinamos dividir entre nós as despesas iniciais para ambas fazerem um curso na Aliança Francesa.

Trocamos alguns livros de interesse comum, pois ele viajava com grande quantidade de livros. Mostrei-lhe meu projeto de pesquisa, ao qual ele deu algumas su-

gestões. Sugeri também que eu pensasse em fazer doutoramento na Alemanha. Contou que não mantinha muitos contatos com Universidades e que tinha feito estudos de nível médio, como técnico em agronomia, daí seu interesse por plantas medicinais. Contou que desde os anos 50 escrevia e publicava trabalhos em poesia e prosa sobre teatro e literatura, e que como escritor, sua obra refletia sobre sua bissexualidade. Escrevia muito e interessava-se em pesquisar em toda parte onde andava. No Maranhão, começou a freqüentar bares e ambientes homossexuais, realizando entrevistas e preparando textos para livros e para a televisão alemã. Fichte manteve sempre grande discrição sobre estas atividades, que permaneceram completamente separadas de suas pesquisas na *Casa das Minas*. Falou também de entrevistas que realizara com escritores como Jorge Luiz Borges, Jean Genet e com literatos alemães, com líderes políticos como Salvador Allende, Luis Echevarria, Leopold Senghor, Maurice Bishop e outros, com ladrões e até com um condenado à morte. Contou que a partir dos anos 70 passou a se interessar pelas religiões afro-americanas, pela etnomedicina e pela psiquiatria africana.

Fichte chegou assim em São Luís de passagem para o Nordeste. Gostou da cidade e resolveu ficar um tempo trabalhando no Maranhão, onde só freqüentou a *Casa das Minas*, fazendo questão de não ir a outros terreiros. Nos últimos dias foi comigo ao outro terreiro que eu estava estudando e conversou um pouco com o pai-de-santo. Também contou-me ter assistido ao ritual do banquete dos cachorros na casa da dona de um restaurante de praia que freqüentava. Durante o tempo que permaneceu no Maranhão estava escrevendo um ou dois livros, estudava grego com Leonore Mau, com o objetivo de ler Heródoto no original, além de realizar pesquisas para o trabalho sobre a *Casa das Minas*.

Durante mais de seis meses, toda semana fâmos por cerca de quatro horas seguidas conversar com dona Deni, que hoje chefia a *Casa das Minas*. Fichte voltava a conversar com ela outra vez por semana, durante as aulas de francês, coletando sua história de vida. Eu tinha uma conversa semanal com dona Celeste, que ele várias vezes acompanhava. As entrevistas não eram gravadas. Eram conversas longas sobre alguns temas que complementávamos com perguntas. No livro *Explosion*, Fichte reclama que eu, Sergio, não sabia fazer perguntas e corta respostas às minhas perguntas. Em particular algumas vezes Fichte criticava minha falta de paciência e de habilidade para entrevistas mais longas. Observava que minhas perguntas às vezes atrapalhavam ou que eu cortava a resposta da informante. Dizia ser preferível deixar a pessoa falar livremente e fazer poucas perguntas para complementar o que estava sendo dito. Devíamos deixar a pessoa ficar o tempo que quisesse respondendo a cada indagação.

Geralmente ia apanhar Fichte no hotel e passamos a conversar sobre o roteiro prévio de cada entrevista, que sempre era bastante alterado em função das respostas.

Também passamos a conversar por telefone durante longo tempo, comentando entrevistas, complementando informações com dados obtidos separadamente. Fichte sugeria que em meu trabalho deveria colocar as descrições em anexo, tratar de alguns temas escolhidos e ilustrar o texto com frases e afirmações das *vodunsis*, fazendo análises semânticas e políticas e discutindo temas de interesse geral, como a idéia de magia, a idéia de progresso, a importância do segredo e outros assuntos.

Passamos a freqüentar também as residências de outras dançantes, como dona Amélia, que então era a chefe da *Casa das Minas* e de dona Dudu, que na época era chefe da *Casa de Nagô*, as duas Casas fundadas por africanos em São Luis que continuam até hoje. Fomos algumas vezes à casa de dona Joana. Todas elas eram pessoas bastante idosas. Nas primeiras visitas Fichte sempre levava um pequeno presente, em geral contas ou um colar. Algumas mais idosas não ouviam bem, sendo necessário fazer perguntas muito precisas e claras. Fichte procurava fazer perguntas bem específicas, como por exemplo o nome das antigas *vodunsis* que tinham sido preparadas nos dois barcos de iniciação das *vodunsis hunjaís*, as filhas da Casa que tinham a iniciação completa. Os barcos foram organizados em fins do século XIX e em inícios do século XX. As *vodunsis hunjaís* recebiam entidades infantis ou meninas, chamadas *tobossis*, usavam roupas especiais como uma manta de miçangas coloridas, uma trouxa de pano na cabeça e vinham poucas vezes ao ano, permanecendo durante vários dias. Depois de 1914 não foram realizadas outras iniciações e as última *hunjaís* faleceram na década de 1970, passando a haver na Casa apenas *vodunsi-he*.

Em algumas visitas Leonore Mau ia conosco e ficava horas observando e batendo fotos em silêncio. Uma vez Fichte se comprometeu a assumir as despesas com a ladainha de uma festa que dona Amélia teria que pagar. No fim do ano, por sugestão sua, demos uma garrafa de champagne para dona Deni, que iria passar o reveillon sozinha. Antes de viajar Fichte me perguntou o que eu achava dele dar de presente a dona Deni, sua principal informante, uma geladeira, pois a dela, que estava muito velha, havia se quebrado, e eu lhe disse que achava normal essa gentileza dele.

Pouco depois de nos conhecermos, Fichte me convidou para almoçar num restaurante de caça. Depois convidei ele e Leonore para jantarem em casa com minha família e ele nos convidou para um jantar com eles no hotel. Passamos uma vez um domingo juntos e almoçamos num restaurante de praia. Numa destas visitas Fichte me explicou e mostrou como organizava seu fichário, com fichas pequenas de papel cortado, guardadas em caixas de sapato e com frases agrupadas por assuntos ou por nomes próprios. Considerava que esse fichário representava a metade do serviço e sugeriu que eu também fizesse o mesmo. Mostrou como arquivava as fichas e dizia que depois de publicar um livro jogava todas as fichas fora.

Até então eu anotava as entrevistas em cadernetas e transcrevia o material em cadernos com páginas numeradas. A partir da sugestão de Fichte passei a organizar um fichário por nomes e outro por assuntos, colocando nas fichas nome da pessoa entrevistada, frases ditas e as páginas em que as entrevistas estavam registradas nos cadernos. Esta forma de trabalho facilitou muito no momento de redigir minha dissertação e até hoje conservo este material. Durante o período em que trabalhamos juntos preenchi cerca de cinco cadernos de 200 páginas e cerca de mil fichas, material que depois foi duplicado com a continuidade da pesquisa.

Fichte tinha grande preocupação com frases bem construídas. Comparando dona Deni com a rainha *Nã Agotime*, que teria sido a fundadora da casa, afirmava estar estudando a religião de uma velha filha, vista por uma velha filha. Dizia que o sobrenome de dona Deni Prata Jardim seria o nome de um capítulo de seu trabalho, pois as palavras 'jardim prata' tem um efeito bonito na língua alemã. Disse-me que iria escrever no futuro uma peça, inspirada no teatro grego, mostrando as brigas das velhas da *Casa das Minas*. Pretendia colocar como título uma frase de Hamlet de SHAKESPEARE, que diz: "a rainha tremendo com uma trouxa de trapos na cabeça", fazendo referências à rainha africana que fundara a Casa e a outras senhoras idosas que a Casa sempre teve, como também ao traje das *tobossis*, que usavam uma trouxa de pano na cabeça. Lembro que uma vez em conversa, eu lhe falei que a preocupação com a preservação do segredo pode contribuir para que este se perca. Fichte anotou a idéia e as palavras que lhe pareceram bem elaboradas, mostrando sua preocupação com idéias e com as palavras que as transmitem.

Afirmava que os negros da *Casa das Minas* e do Maranhão em geral, tinham um tipo de comportamento que lembrava a etiqueta e a discricão britânica, sendo muito diferentes dos de outros lugares. Dizia que o que se sabe é sempre a lembrança de um passado fragmentado e não adianta escrever durante dez anos um tratado de 600 páginas sobre lembranças fragmentadas. Comentava e reclamava sobre o mecanismo de negação de respostas das filhas de santo que, muitas vezes deixavam de responder a indagações que fazíamos, preocupadas com a preservação dos segredos.

Algumas vezes, pessoalmente ou por telefone, Fichte conversava animadamente, acrescentando detalhes que havia conseguido nas entrevistas e que nos interessavam. Outras vezes reclamava que se aborrecia com os *voduns* e dizia achar hipócritas esses deuses que não queriam dizer nada, de onde vêm, qual a sua cor, e que não sabiam instruir as dançantes. Deuses que diziam terem sido criados por Jesus Cristo ou por Deus que criou o mundo e criou os *voduns*. Parecia-lhe que o mecanismo do transe não estava funcionando mais, ou que funcionou no passado, como uma espécie de narcótico e que agora estava fracassando. A religião delas não funcionava mais, parecia que os *voduns* não tinham mais vitalidade. Os *voduns* queriam falar com ele mas

não diziam o que ele queria ouvir. Comentava que a interação entre os voduns era um rito, que eles conversam, riem entre si e não dizem nada de importante. Reclamava que as voduns também não diziam nada, com medo dos *voduns* brigarem com elas. Achava que quando cantavam nas festas, cada vez propositadamente, elas modificavam a pronúncia das palavras, para esconder certos detalhes. Dizia estar decepcionado com um *vodum* que não falava nada dele nem de sua origem. Dizia que de fato quem sabe tudo são as dançantes e não os seus deuses, que para nós não sabem e não podem nada. Mas elas diziam que não tinham autoridade e não valiam nada, só os voduns é que valiam, elas não entendiam nada. Os *voduns* diziam a elas que um cego não pode guiar outro cego.

Indagava se esta religião seria só um ritual muito elaborado? Qual seria a sua eficácia? Talvez intelectualmente seja ineficiente para nós, mas seja eficiente para elas em alguma coisa, curando com plantas, por cura mágica ou pela pura fé. Elas disseram que se o *vodum* ficasse sempre nelas, eles as destruiriam e elas destruiriam o *vodum*. Fichte dizia estar decepcionado com estas conversas, que achava semelhantes as que ouvia em bares de homossexuais, onde havia um fetichismo de pianistas, modistas e intelectuais, que conheciam Chopin e apareciam ritualizadamente vestidos de motociclistas.

Constatando que na *Casa das Minas* não se usava instrumento de ferro nos sacrifícios, Fichte indagava se usavam facas de madeira e lhe parecia que esta religião tinha elementos que vinham da pré-história, de antes da Idade dos Metais. A mesma hipótese é também apresentada por VERGER (1981: 212), ao se referir a antiguidade dos cultos de *Obaluaê* e *Naná*, indicada pelo detalhe do ritual dos sacrifícios de animais que lhe são ofertados sem o emprego de instrumentos de ferro, parecendo-lhe que essas divindades fazem parte de uma civilização anterior à Idade do Ferro. Tal preocupação era freqüente nas observações de Fichte, bem como supostas relações de religiões africanas com o antigo Egito, a partir de informações inspiradas sobretudo em suas leituras de HERÓDOTO.

Convém lembrar que Fichte e VERGER, que haviam se conhecido em inícios da década de 1970, tinham brigado. Soube mais tarde que VERGER teria se aborrecido entre outras coisas por Fichte ter publicado um álbum com fotos sobre Religiões Afro-Americanas com o título *Xangô*. VERGER teria dito a Fichte que pretendia publicar um livro com este título, tendo publicado depois o livro que denominou *Orixás*. Fichte também publicou afirmações de sua informante, a mãe-de-santo francesa Giselle Binon Cossard, dizendo que VERGER era homossexual. Soubemos que outros intelectuais da área, como a antropóloga austríaca radicada na Venezuela, a professora Angelina POLLAK ELTZ, também não gostava de Fichte. Ele afirmava que Angelina escrevia falando sobre coisas que não tinha visto.

Por mais de uma vez combinamos que mais tarde iríamos publicar trabalhos juntos, escrevendo um livro em que eu narraria a vida de dona Celeste e apresentaria um quadro sobre as religiões no Maranhão atual, fazendo referências a antigas dançantes da Casa e sobre os cânticos e Fichte falaria sobre dona Deni e sobre suas pesquisas com plantas medicinais. Combinamos também que eu lhe mandaria material relativo à Amazônia, para uma revista sobre o 'Terceiro Mundo', da qual ele estava planejando ser um dos diretores. Achava que devíamos evitar escrever sobre o que os outros já haviam escrito e que eu deveria analisar mudanças na religião, no folclore, na alimentação e na arquitetura de São Luís, decorrentes da então recente implantação da *Alcoa* na região, com reflexões que não repetissem chavões da esquerda nem da direita. Sugeriu também que combinássemos uma data para publicar juntos o trabalho que estávamos fazendo, que poderia ser lançado por exemplo em 2 de novembro de 1982, ou em 20 de janeiro de 1983.

Dona Celeste havia prometido que eu iria receber uma guia da *Casa das Minas*, mas era preciso conhecer o meu *vodum protetor*. Depois de várias conversas disseram que meu *vodum* era o *toi Doçu*, o mesmo da então chefe da Casa, Dona Amélia. Fichte pediu que dessem também a ele um colar da Casa e dona Deni verificou que o *vodum* dele era o mesmo de mãe Andresa, o *vodum* *toi Poliboji*. Mãe Andresa foi a chefe mais famosa da Casa, morreu com cem anos em 1954 e até hoje é muito lembrada. Fichte havia trazido umas contas e uma delas era igual a uma que havia no antigo colar de mãe Andresa. Fichte pediu que Deni trocasse a pedra, colocando a nova no rosário antigo de Andresa e a dela no que ele iria receber. O rosário nos foi entregue na festa de São Sebastião, em janeiro de 1982, e não deveria ser tocado por ninguém, como é costume. Nessa festa, quando há uma promessa a pagar, costuma-se organizar um banquete para os cachorros. Fichte combinou comigo que nós deveríamos pagar uma promessa pelo bom êxito do trabalho que estávamos realizando juntos e dividimos as despesas para a realização do jantar dos cachorros.

Fichte viajou para o Rio após o Carnaval de 1982. Foi passar algum tempo realizando entrevistas com Giselle Binon Cossard e com uma de suas filhas-de-santo, que foram publicadas, junto com a estória de dona Deni. Algum tempo depois, passei rapidamente pelo Rio e o visitei num hotel em Copacabana. Encontrei-o entusiasmado com o trabalho de entrevistas com a mãe-de-santo e sua filha, que tinham histórias de vida complexas e interessantes, falando de casos com amantes e muitos outros assuntos. Estas histórias estão incluídas no livro *Etnopoesia* (FICHTE 1987).

Antes de viajar Fichte pediu que as dançantes da *Casa das Minas* assinassem uma carta de apresentação dele ao Rei de *Abomé* no Benin, que ele pretendia visitar em breve em viagem que faria à África. Pediu também que mandassem, por seu intermédio, uma fita com a gravação de alguns cânticos da Casa. Em 1983/84 ele fez

esta viagem. Quando o visitei no Rio, Fichte pediu que eu lhe conseguisse alguns detalhes sobre o significado dos cânticos que elas gravaram. Antes de regressar a Europa deixou com um parente que lhe indiquei, diversos livros que não podia levar quando viajou.

Depois que viajou nos comunicamos poucas vezes por correspondência. Os dois estávamos muito ocupados e as cartas eram breves. Em 1983 terminei de redigir minha dissertação de mestrado sobre a Casa e mandei-lhe um exemplar do trabalho, que foi publicado em livro em 1985, com segunda edição em 1996. Fichte mostrou interesse em ser convidado para participar do *Colóquio sobre Sobrevivências Religiosas Africanas* na América Latina e no Caribe, que estava sendo organizado pela UNESCO em São Luís e foi realizado em 1985, presidido por mim. Sugeri incluir seu nome entre os convidados, mas o dirigente da UNESCO encarregado do colóquio, Maurice Glelé, que era membro da família real do *Daomé*, não aceitou a sugestão, tendo alegado que Fichte era um escritor muito sensacionalista.

Em 1984 Fichte mandou, por meu intermédio, para a *Casa das Minas*, uma cópia da resposta em francês do Rei do *Daomé*, com uma saudação às *vodunsis* da Casa. A versão original foi entregue depois por Leonore Mau após a morte de Fichte. Em fins de 1985 e inícios de 1986 faleceram em pouco tempo 3 antigas dançantes da Casa. No dia em que faleceu a terceira, dona Celeste recebeu telefonema de Leonore Mau informando que Fichte havia morrido e constatou que ele faleceu no mesmo dia e na hora em que morreu a terceira dançante, dona Luiza. Depois Leonore nos contou que ele adoecera em outubro, quando estavam em Lisboa. Foi operado em dezembro, recebeu um prêmio importante na Alemanha e organizou material para ser publicado postumamente. Estava escrevendo um *Roman Fleuve* previsto para ter 18 volumes. Faleceu a dia 6 de março de 1986. Na *Casa das Minas* as filhas que o conheceram o admiram e estimam muito até hoje, lembrando dele com saudades, como um grande amigo que havia combinado levar algumas à África. Não comentamos nunca com elas que em seus trabalhos as vezes ele fala mal de algumas delas, chamando Celeste de elefanta, reclamando que Deni escondia respostas, falando mal dos *voduns*, nem dissemos que ele era homossexual e que morreu de Aids.

Leonore Mau depois publicou vários volumes póstumos que ele deixou preparados, inclusive o livro sobre a *Casa das Minas*, publicado em 1989. Ela nos informou que pretende ainda publicar um álbum de fotos da Casa com texto de Fichte. Anos depois Leonore veio a São Luís entregar a carta resposta do rei do *Daomé* e devolver à *Casa das Minas*, como era norma, o colar recebido por Fichte. O rosário foi devolvido quebrado e faltando contas. Dona Deni disse que certamente na África ele deve ter tido curiosidade demais, o que é perigoso e pode ter provocado sua morte.

Entre 1988/89 Leonore Mau ainda tentou concretizar o sonho de Fichte de levar algumas pessoas da Casa à África, com a colaboração de um cineasta seu amigo, que queria fazer um filme sobre religiões afro-americanas no Brasil e no Benin. O produtor veio a São Luís para convidá-las, mas os *voduns*, quando consultados, disseram que se elas fossem a África para fazer um filme, ninguém iria acreditar na seriedade delas. O filme foi depois produzido pelo cineasta Herbert BRÖDL, de Hamburg, com a presença de mães-de-santo do candomblé paulista, levadas por ele ao Benin. Em 1993 Pierre VERGER levou dona Celeste e a mim ao Benin, para participarmos de um festival sobre *voduns*.

### 3. Etnopoesia e Etnografia

*Etnopoesia: Antropologia Poética das Religiões Afro-Americanas* é o único livro de Fichte sobre religiões afro-americanas publicado em português até agora (FICHTE 1987), pois *Explosion* e outros trabalhos seus sobre este tema, não foram traduzidos. *Querebentã de Zomadonu* foi a dissertação de mestrado que eu concluí em 1983, com base no trabalho que realizamos juntos e que teve duas edições em São Luís, em 1985 e 1996. No começo fiquei um tanto preocupado com a presença de Fichte, pois estava realizando trabalho para dissertação de mestrado e não o conhecia. Ele chegou na *Casa das Minas* justamente quando eu estava fazendo o trabalho de campo. Em meu caderno de campo, em setembro de 1981, anotei conversa com minha esposa sobre a conveniência ou não de trabalhar com uma pessoa que eu não conhecia bem e conversei também sobre isso com meu orientador, o professor Kabengele MUNANGA. Mas aos poucos fomos desenvolvendo laços de amizade e de colaboração e a desconfiança inicial foi se dissipando.

O professor Willi BOLLE teve a gentileza de traduzir para mim trechos do livro *Explosion, um romance da Antropologia*, de Hubert Fichte (FICHTE 1993). Não é verdade, como ele diz ali, que eu o convidei para pesquisar a *Casa das Minas* junto comigo. Na época talvez ele não tenha anotado isto e quando redigiu o texto interpretou desta maneira gentilezas que eu possa lhe ter feito no trabalho em comum. Ele diz que isto seria muito tentador para ele pois eu freqüentava a Casa há 15 anos, o que também não era verdade. No texto sobre o Maranhão em ETNOPOESIA, constatamos (FERRETTI 1990) que Fichte comete vários pequenos erros de detalhes, sobretudo relacionados com nomes próprios de pessoas, de entidades e de lugares, decorrentes certamente da falta de tempo para uma revisão cuidadosa, que acreditamos que ele teria feito se não tivesse morrido tão cedo.

Fichte é um grande escritor, com interesse especial pela fala, pela palavra e pela linguagem. Falava e escrevia em vários idiomas, conhecia bem o português, a literatura portuguesa e brasileira, de qual lia autores clássicos e modernos e em conversa costumava criticar alguns. Dizia, por exemplo, que considerava kitsch o romance *Os Tambores de São Luís* de Josué MONTELLO. Foi sobretudo um grande escritor, preocupado com a forma de expressão e com jogo de palavras. Era um observador sutil da pessoa em suas múltiplas dimensões. Em seus textos há pontos de vista, sátiras, observações e opiniões que ele apresenta de modo muito pessoal sobre os outros. Fichte tinha a incrível capacidade de fazer os outros falarem de si próprios, durante horas, por vários meses, como numa auto-análise. Procurava desenvolver interesses comuns com os informantes, dando-lhes aulas de francês, conversando sobre plantas medicinais ou dando de vez em quando um pequeno presente. Sabia se insinuar com discrição e fazer as pessoas se abrirem para ele, desvendando particularidades da vida íntima, mesmo sabendo que depois ele poderia publicar o que foi dito.

Fichte monta com palavras dos informantes um texto bonito e poético, fazendo com que o sujeito se torne autor do que ele nos fornece. Faz uma colagem de frases das quais várias vezes indica a data. Procede às vezes como se estivesse desenhando uma tela cubista no estilo de Braque ou, como diz Wolfgang BADER no Prefácio de *Etnopoesia*, lembrando quadros do pintor renascentista Arcimboldi, que desenhava retratos com livros, frutas ou flores. Fichte foi um grande escritor, que se sentiu atraído pelo trabalho etnográfico. Estava porém liberado de compromissos acadêmicos e ético-profissionais com a antropologia, pois era escritor e não antropólogo de profissão. Podia assim fazer livremente experiências com a linguagem, com a fala e com a escrita etnográfica, utilizando sua forma de fazer literatura, abandonando modelos ortodoxos da antropologia. Fichte se antecipa assim à pós-modernidade nas ciências sociais, constatando que a etnografia é também uma forma literária e colocando problemas que alguns teóricos irão se colocar depois dele, nas décadas de 1980 e 1990. É oportuno lembrar que o texto "Observações heréticas para uma ciência do Homem" foi uma conferência que Fichte proferiu na *Associação Frobenius* em Frankfurt em 1976.

Meu trabalho sobre a *Casa das Minas* é inspirado na etnografia clássica do tipo proposto por MALINOWSKI. Em 1983 ainda não se falava em pós-modernidade na antropologia. Até hoje gosto muito de ter feito aquele trabalho, que acho interessante e que deve ser diferente do que Fichte escreveu sobre a Casa. É provável que em meu livro haja frases semelhantes às de livros de Fichte sobre a *Casa das Minas*, pois coletamos juntos palavras dos mesmos informantes. É claro que sua escrita é declaradamente poética e que ele, como profissional da literatura, possui estilo e técnica elaborada de redação, que tornam sua escrita bem concatenada e elegante. Escrever bem é um instrumento fundamental para a antropologia, pois o texto etnográfico

é uma forma de comunicação literária, como acentuam os pós-modernos. O observador atento tem porém às vezes a impressão de que Fichte está mais preocupado com a forma de apresentação do que com o conteúdo dos fatos observados.

Fichte estava preocupado em desvendar o ritual que ele denomina de "quebra da consciência" que, segundo diz (FICHTE 1987: 181), nenhum estudioso da cultura afro-americana conhecia até então. Procura encontrar este ritual na *Casa das Minas*. Diz (FICHTE 1987: 183) que graças a um pequeno artifício conseguiu descobrir que na Casa também se prepara uma beberagem por ocasião da iniciação. Quando Fichte pesquisou a *Casa das Minas* o ritual completo de iniciação fazia quase 70 anos que já não era realizado, pois o último *barco de tobossis* fora feito em 1914 e nenhuma das filhas vivas havia se submetido a este ritual, tendo sido iniciadas apenas como vodunsihe. Seu texto sobre o tema traduzido em português, tem apenas 6 páginas, sendo assunto sobre o qual se fala muito pouco. O livro de VERGER sobre plantas na sociedade ioruba, publicado em 1995, também indica receitas de plantas para se tornar filho-de-santo e ser possuído pelas divindades. Fichte queria também encontrar vestígios de rituais e de instrumentos da idade da pedra e de sacrifícios humanos relacionados aos cultos afros no Haiti (FICHTE 1987: 189, 285), na Venezuela (FICHTE 1987: 279) ou na Bahia, ainda nos anos de 1920 (FICHTE 1987: 299), o que pode contribuir para a continuidade de uma visão exótica sobre estes cultos.

Em *Explosion*, Fichte afirma que a *Casa das Minas* é o templo mais nobre e mais fino das Américas. Dizia-me que quando publicássemos nossas pesquisas sobre a *Casa das Minas* os que viessem depois não teriam mais nada a dizer sobre ela pois nós teríamos ouvido e dito tudo o que poderia ser dito, opinião com a qual não concordo e considero exagerada. Em "Observações heréticas para uma nova ciência do homem", texto de 1976 incluído em *Etnopoesia*, Hubert Fichte critica e denuncia relações da antropologia com o colonialismo. Considera o jargão científico como neocolonialismo e critica o desprezo pela linguagem nas ciências do homem. Considera (FICHTE 1987: 38) ingênua a publicação de trabalhos sobre o comportamento humano por quem não sabe ler e escrever bem e diz que aprendeu com a etnologia o hábito incômodo da verificação.

## Referências bibliográficas

- ALCANTARA, Plácido. "A Etnopoesia de Hubert Fichte". In: *Cadernos de Campo*. Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia (São Paulo, USP) 1/1991, 61-67.

- BOLLE, Willi. "Etnopoesia. Observações sobre a obra de Hubert Fichte". In: *Pandaemonium Germanicum* 3.1/1999, 15-44.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil. Contribuição a uma sociologia da interpenetração de civilizações*. São Paulo: Pioneira/Edusp 2 vols/1971 (Orig. 1960).
- FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. *Desceu na Guma. O caboclo no tambor de mina*. São Luís: EDUFMA 2000, 2ª Ed. Revista. (Original 1993).
- FERRETTI, Sergio. *Querebentã de Zomadonu*. São Luís, EDUFMA 1986, 2ª Edição Revista (Ed. Original 1985, Dissertação de Mestrado defendida em 1983 na UFRN).
- \_\_\_\_\_. "Da etnopoesia Afro-Americana". In: *Anuário Antropológico* (Brasília, UnB) 87/1990, 231-242.
- \_\_\_\_\_. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo/São Luís, EDUSP/FAPEMA 1995 (Tese de doutorado defendido na USP em 1991).
- FICHTE, Hubert. *O Orfanato*. Romance. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara 1986. (Copyright, 1977).
- \_\_\_\_\_. *Etnopoesia. Antropologia poética das religiões afro-americanas*. São Paulo, Brasiliense 1987.
- \_\_\_\_\_. *Das Haus der Mina in São Luiz de Maranhão*. Materialien zum Studium des religiösen Verhaltens, zusammen mit Sergio FERRETTI. Frankfurt, S. Fischer 1989.
- \_\_\_\_\_. *Psyche*. Glossen. Frankfurt, S. Fischer 1990.
- \_\_\_\_\_. *Explosion*. Roman der Ethnologie. Frankfurt, S. Fischer 1993.
- EDUARDO, Octávio da Costa. *The Negro in Northern Brazil. A study in Acculturation*. New York, J.J. Augustin Publisher 1948.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, Abril Cultural 1976.
- PEREIRA, Nunes. *A Casa das Minas. O culto dos voduns jeje no Maranhão*. Petrópolis, Vozes 1979 (Original 1947).
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás. Deuses iorubanos na África e no Novo Mundo*. Salvador, Corrupio 1981.
- \_\_\_\_\_. *Ewé. O uso de plantas na sociedade ioruba*. São Paulo, Companhia das Letras 1995.

## Etnopoesie und Ethnographie

Willi Bolle\*

**Abstract:** This paper is a comparative investigation of two kinds of anthropological fieldwork – *ethnopoetry* and *ethnography* – made by two authors on the same subject, at the same place and time: the Afro-Brazilian temple Casa das Minas, in São Luis do Maranhão, in 1981-1982. The analysis focuses on the work of the German writer Hubert FICHTE (1935-1986), *Das Haus der Mina in São Luiz de Maranhão* (1989), and on the study of the Brazilian anthropologist Sergio FERRETTI, *Querebentã de Zomadõnu. Etnografia da Casa das Minas do Maranhão* (1983 and 1996). The comparison of methods and results reveals, on the one hand, advantages of the ethnopoetical approach in the art of interview, priority given to the informants' discourse, and the interpretation of religious rituals, from a general point of view. On the other hand, the special qualities of the ethnographical approach are the theoretical understanding and the didactic transmission of the *other* culture, combined with the translation of basic concepts through a glossary. – See also, in this number of *Pandaemonium Germanicum*, Sergio Ferretti's complementary article on "Ethnography and Ethnopoetry".

**Keywords:** Anthropology; Ethnography; Ethnopoetics; Afro-Brazilian religions; Hubert FICHTE.

**Resumo:** Este trabalho investiga que tipo de conhecimentos específicos proporciona a *antropologia poética* ou *etnopoesia*, de Hubert FICHTE (1935-1986), em comparação com a etnografia atual. Para tanto, são analisados contrastivamente o livro de FICHTE, *Das Haus der Mina in São Luiz de Maranhão* (1989), e o estudo do antropólogo Sergio FERRETTI, *Querebentã de Zomadõnu. Etnografia da Casa das Minas do Maranhão* (1983 e 1996) – tendo ambos os autores trabalhado juntos, no mesmo local, sobre o mesmo assunto. Na comparação de métodos e resultados, a etnopoesia leva

\* Der Autor ist Professor für Literaturwissenschaft an der Universidade de São Paulo, Área de Alemão.